

## O trabalho profissional do Serviço Social com grupos e o cinema como ferramenta pedagógica

Kamila Cristina da Silva Teixeira\*  
Renan Guilherme Vieira dos Santos\*\*

### RESUMO:

O Serviço Social é formado por três dimensões constitutivas e indissociáveis fundamentais para a formação e o trabalho profissional: teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa. Elas permitem para a/o assistente social compreender a realidade social, o trabalho profissional, definir estratégias de intervenção e construir respostas críticas, éticas e qualificadas. No entanto, este trabalho particulariza a dimensão técnico-operativa ao abordar o trabalho da/o assistente social com grupos, fundamentado pela teoria social crítica e pela educação emancipatória, que rompem com a perspectiva do Serviço Social de Grupo típica do metodologismo e do tradicionalismo na profissão. Se justifica pelas inquietações e a experiência do estágio de campo supervisionado. Seu objetivo é refletir sobre o cinema como ferramenta para a ação pedagógica do trabalho de assistentes sociais com grupos. Para tanto, lança mão da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Os resultados apontam que o cinema, como um elemento para a ação educativa profissional no trabalho com grupos, pode contribuir para despertar nos/as usuários/as dos serviços o pensamento crítico, a mobilização e a construção de sujeitos coletivos.

**Palavras-chave:** Trabalho profissional; Serviço Social; grupos; ação educativa; cinema.

\* Assistente Social. Doutora em Política Social pela Universidade Federal Fluminense, UFF. Professora adjunta do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, campus Apucarana, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7511-545X>  
E-mail: [kamila.teixeira@ies.unespar.edu.br](mailto:kamila.teixeira@ies.unespar.edu.br)

\*\* Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, campus Apucarana. Residente técnico em Gestão em Segurança Pública do Governo do Estado do Paraná/Unespar, campus Paranaguá, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5537-4010>  
E-mail: [renangvds@gmail.com](mailto:renangvds@gmail.com)

## Professional work with groups and cinema as a pedagogical tool

### ABSTRACT:

Social Work is composed of three fundamental and inseparable dimensions essential for education and professional practice: theoretical-methodological, ethical-political, and technical-operational. These dimensions allow social workers to understand the social reality, professional work, define intervention strategies, and build critical, ethical, and qualified responses. However, this work particularizes the technical-operational dimension by addressing the work of social workers with groups, grounded in critical social theory and emancipatory education, which break away from the typical Group Social Work perspective characterized by methodologism and traditionalism in the profession. It is justified by the concerns and experiences of the supervised field internship. Its objective is to reflect on cinema as a tool for the pedagogical action of social workers with groups. To this end, qualitative bibliographic research is utilized. The results indicate that cinema, as an element for professional educational action in group work, can contribute to awakening critical thinking, mobilization, and the construction of collective subjects among the users of the services.

**Keywords:** Professional work; Social Work; groups; educational action; movie.

### Introdução

O Serviço Social é constituído por três dimensões: teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, as quais são indissociáveis e fundamentais para o exercício profissional, pois permite a/o assistente social compreender o movimento da realidade social, o trabalho profissional, definir estratégias de intervenção e construir respostas críticas, éticas e qualificadas. Nesse sentido, Guerra (2023, p. 44) assevera que “a existência da nossa profissão depende das respostas que damos à realidade, e as atribuições e competências profissionais exigem que seja acionado todas as dimensões na realização do nosso trabalho profissional”.

Dessa forma, cumpre destacar que as dimensões não podem ser consideradas como autônomas e desarticuladas. Guerra (2017) lembra que, embora possa haver em determinada situação o predomínio de uma sobre a outra na realização do fazer profissional, elas “são instâncias interatuantes” e só existem em processo relacional. Isso porque o trabalho profissional tem uma finalidade, fundamenta-se em elucidações orientadas pela teoria e por valores formados pela visão de mundo, que pode adquirir um viés crítico ou conservador, e carece de métodos e técnicas. Não obstante à indissociabilidade, as dimensões do trabalho profissional adquirem particularidades.

Guerra (2023, p. 46) chama atenção para o fato de que “tenhamos consciência ou não, somos subsidiadas e subsidiados por explicações, fundamentos que orientam nossa interpretação sobre a vida, à sociedade, sobre a profissão etc. e por uma visão de mundo, por projetos de sociedade”. Este processo particulariza a dimensão teórico-metodológica, que fundamenta-se na teoria social e permite compreender e interpretar a realidade social e a profissão. Basea-se em diferentes concepções clássicas do conhecimento e, muito em função disso, permite interpretações distintas tanto da realidade, quanto da própria profissão (Iamamoto, 2009; Guerra, 2023).

Já a dimensão ético-político vincula a profissão aos diferentes projetos societários, que, segundo Paulo Netto (2009), são necessariamente projetos de classe e envolvem relações de poder em disputa na sociedade capitalista. Portanto, o fazer profissional não é neutro, é pautado por posicionamentos políticos, valores morais e visões de mundo. Além disso, segundo Paula (2023, p. 61), essa dimensão se configura como elemento central à compressão das possibilidades para a ação nos espaços sócio-ocupacionais a partir da análise dos seguintes elementos: correlação de forças entre os projetos em disputa; articulações no cotidiano do trabalho profissional; interesses institucionais; condições e relações de trabalho etc.

Por fim, a dimensão técnico-operativa particulariza-se na “forma de aparecer” da profissão, ou seja, é a forma em que a profissão é “conhecida e reconhecida” na sociedade e no mercado de trabalho. Na verdade, esta é a dimensão em que se evidencia o “modo de ser da profissão, o modo como aparece no movimento das três dimensões” (Santos *et al.*, 2017, p. 27).

O debate aqui enunciado particulariza a dimensão técnico-operativa da profissão na medida em que busca articular o trabalho com grupos e o cinema. O grupo, em conjunto com a entrevista, observação, abordagem, visita domiciliar, encaminhamento, configura-se como um dos principais instrumentos da intervenção profissional e como um elemento da dimensão técnico-operativa que objetiva projetos e materializa as ações da/o profissional de Serviço Social no conjunto das relações sociais (Santos *et al.*, 2017). Importa sublinhar que ele, enquanto instrumental, não pode ser pensado em um vazio teórico e ético-político, muito pelo contrário, deve ser pautado pela fundamentação teórico-crítica e pelo direcionamento ético-político do projeto profissional, modilizando as outras duas dimensões do Serviço Social, com vistas a concretizar a ação de assistentes sociais em conformidade com os procedimentos exigidos para o exercício profissional e para viabilizar a qualidade do serviço prestado.

Nestes termos, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre o cinema como ferramenta para a ação pedagógica do trabalho de assistentes sociais com grupos. Ele apresenta parte dos resultados da pesquisa fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O interesse pelo tema surgiu a partir das inqueitações e da experiência do estágio acadêmico supervisionado em Serviço Social.

Do ponto de vista metodológico, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. De acordo com Marconi e Lakatos, a pesquisa bibliográfica tem como finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre um determinado assunto [...]” (2017, p. 200). Contudo, sem se limitar à mera reprodução do que já foi publicado sobre o tema, mas com o objetivo de apresentar um novo enfoque ou abordagem, produzindo inovações (Marconi; Lakatos, 2017). Assim, busca-se a aproximação com o objeto proposto a partir de livros e artigos científicos produzidos pelo Serviço Social e outros autores de referência na área, como, por exemplo: Abreu, Coutinho, Guerra, Gramsci, Harvey, Iamamoto, Marx, Engels, Moreira, Lima, Mioto, Paulo Netto, Ortiz, Santos, Simionatto, entre outros. Além de filmes para o meio de comunicação oral direcionado à problematização dos conceitos e sua interpretação de forma crítica.

## **A dimensão técnico-operativa do trabalho profissional**

A dimensão técnico-operativa expressa o modo de notabilizar da profissão, de promover sua visibilidade na sociedade. Nas palavras de Guerra (2017, p. 50), “[...] é a forma de aparecer da profissão, pela qual é conhecida e reconhecida. Dela emana a imagem da profissão e sua autoimagem”. Por isso, ela remete à condição interventiva do Serviço Social e é por meio dessa dimensão que assistentes sociais podem dar respostas concretas, críticas e qualificadas à realidade concreta devido ao caráter interventivo da profissão.

A condição interventiva diz respeito à inserção do Serviço Social na divisão social e técnica do trabalho, nos marcos do capitalismo monopolista (Paulo Netto, 2011), para intervir na chamada questão social, quando o Estado e a sociedade constroem respostas para manter a ordem e amenizar os conflitos na relação entre o capital e o trabalho (Iamamoto; Carvalho, 1986), diante do ingresso da classe trabalhadora no cenário político, reivindicando melhores condições de vida e trabalho. De acordo com Iamamoto (2007, p. 92), “[...] o processo de institucionalização do Serviço Social, como profissão reconhecida na divisão social e técnica do trabalho, está vinculado à criação das grandes instituições assistenciais, estatais, paraestatais ou autárquicas, especialmente na década

de 1940”. Assim, as políticas e serviços sociais passam a constituírem-se como espaços privilegiados da atuação profissional e assistentes sociais assumem o papel de executoras destas políticas e serviços (Paulo Netto, 2011), intervindo na realidade social como partícipes do processo de produção e reprodução social (Iamamoto, 2007).

Para Guerra (2017, p. 51), a intervenção profissional é pautada por “fundamentos teórico-metodológicos, conhecimentos e saberes interventivos, habilidades técnico-profissionais, procedimentos teórico-operativos e de uma perspectiva ética com clara orientação estratégica”. Isso significa que ela não é neutra, pois apresenta um caráter político-ideológico e uma funcionalidade na sociedade de classes, bem como uma natureza contraditória em virtude da possibilidade de reprodução da sociedade capitalista ou da construção de caminhos para a hegemonia da classe trabalhadora.

Tendo em vista tais apontamentos, pode-se afirmar que a dimensão técnico-operativa não pode ser vista de forma isolada. Ou seja, “[...] não basta o Serviço Social atuar no nível operativo-instrumental [...]” (Guerra, 2002, p. 15), uma vez que esta redução, sem articulação teórico-metodológica e ético-política, implica na condução de uma ação profissional tecnicista, acrítica, que reproduz a intervenção conservadora do Serviço Social tradicional, e impede a construção de respostas qualificadas voltadas para o atendimento das demandas e necessidades dos/as usuários/as dos serviços. Nesta direção, Guerra (2017, p. 57) chama atenção para o seguinte fato: “reduzir o fazer profissional à sua dimensão técnico-instrumental significa tornar o Serviço Social um meio para o alcance de quaisquer finalidades” na medida em que o assistente social é considerado o profissional da coerção e do consenso e solicitado pelo caráter educativo e disciplinador do trabalho profissional. Nas palavras de Iamamoto (2007, p. 42),

[...] o Assistente Social aparece como *profissional da coerção e do consenso*, cuja ação recai no campo político. Esta é, pois, uma característica que, não lhe sendo exclusiva, aparece nele com maior intensidade, tanto pelo significado da atividade assistencial, como pelas características mais peculiares da profissão, derivadas de sua trajetória histórica e constantemente atualizadas [grifos da autora].

Outro elemento a ser enfatizado nesta discussão, e não menos importante, é o fato de que o trabalho profissional é permeado por posicionamentos e escolhas diante das demandas e intervenções. Nesta linha de análise, Paula enfatiza sobre a inexistência de imparcialidade em tais escolhas na medida em que elas são alimentadas por “[...] princípios teóricos, éticos, políticos e técnicos que abrem a e o profissional um leque de

possibilidades de construção de uma ação profissional pautada por determinados valores” (Paula, 2023, p. 86).

O receio de reproduzir a ação tecnicista e apartada da reflexão teórico-crítica promoveu certa omissão do debate sobre a dimensão técnico-operativa na formação profissional, na produção acadêmica e pela categoria. Nesse sentido, Santos esclarece que “[...] a questão relativa ao ensino dos instrumentos e técnicas ainda expressa muito mais pelo ‘receio’ de ser ‘tecnicista’ do que pela ousadia de criar alternativas/experiências explícitas e detalhadas para enfrentar o desafio de ensinar o ‘como fazer’ sem ser tecnicista [...]” (Santos, 2006, p. 82). É muito em função disso que se faz necessário compreender que a dimensão técnico-operativa só pode ser pensada na unidade com as outras duas dimensões, pois ela expressa o “conjunto de ações e procedimentos adotados pelo profissional, visando alcançar uma finalidade e realizar a avaliação deste alcance e dos objetivos da ação” (Santos *et al.*, 2017, p. 30).

Esta questão fica evidente na argumentação a seguir:

[...] a dimensão técnico-operativa não pode ser reduzida às questões dos instrumentos e técnicas. Ela mobiliza as dimensões teórico-metodológicas – para analisar o real e investigar novas demandas – e ético-políticas – permitindo avaliar prioridades, as alternativas viáveis para a realização da ação, bem como projetar a ação em função de valores e finalidade e avaliar as consequências da ação –, além das condições objetivas do trabalho e as condições subjetivas dos agentes profissionais (Santos *et al.*, 2017, p. 29-30).

Por conseguinte, considera-se que o/a assistente social, na objetivação do fazer profissional, lança mão de referenciais teórico-metodológicos, define a direção social da intervenção e mobiliza os aparatos técnico-operativos. Este último aspecto remete à necessidade de definição dos elementos constitutivos da dimensão técnico-operativa que se configuram como:

[...] estratégias e táticas definidas para orientar a ação profissional; os instrumentos, técnicas e habilidades utilizadas pelo profissional; o conhecimento procedimental necessário para a manipulação dos diferentes recursos técnicos-operacionais, bem como a orientação teórico-metodológica e ético-política dos agentes profissionais (Santos *et al.*, 2017, p. 31).

No que tange aos instrumentos e técnicas, Santos e Noronha (2016), ao sistematizar a discussão acerca do tema na intervenção profissional, a partir da perspectiva crítica, com base na literatura produzida pelo Serviço Social, definem que “o instrumento é considerado o potencializador da ação; ele consiste no conjunto de recursos ou meios que permitem a operacionalização da ação profissional” (Santos; Noronha, 2016, p. 80).

A técnica, por sua vez, estabelece relação direta com os instrumentos, porque está associada à condução da ação, é o que objetiva as intencionalidades da ação (Sarmiento, 2017). Isso revela que os instrumentos e técnicas não podem ser pensados isoladamente, pois são “elementos relacionais” (Santos; Noronha, 2016).

As autoras sinalizam também que estes dois elementos da dimensão técnico-operativa devem estar situados no projeto profissional e em articulação com a teoria, visto que “há um referencial teórico subjacente à escolha e a utilização deles [instrumentos]. A forma, como os profissionais utilizam os instrumentos e as técnicas, expressa entendimentos sobre as dimensões teórico-políticas” (Santos; Noronha, 2016, p. 81). O exposto revela que a escolha dos instrumentos, assim como a intervenção profissional, não é neutra, ela expressa uma intencionalidade e uma finalidade determinada pelos interesses de classe, ou seja, “cumpre, além de uma função técnica-operacional, uma função política e ideológica” (Santos; Noronha, 2016). Isso requer o uso competente e crítico dos instrumentos (Santos *et al.*, 2017).

Dito isto, pode ser destacado o grupo como instrumento de trabalho profissional. Segundo Santos *et al.* (2017, p. 35), ele “[...] socializa interesses que estão em jogo, as relações entre os seus membros, sendo empregado para dar visibilidade e para trabalhar as relações de poder, bem como com a socialização de determinadas informações”. É no trabalho com grupos que o/a assistente social pode lançar mão do cinema como ferramenta pedagógica e atuar como facilitador ou “intelectual orgânico” (Santos; Mancini, 2021), buscando, a partir das obras cinematográficas, estimular a visão crítica da realidade após as reflexões propostas.

## **O trabalho do/a assistente social com grupos e o cinema**

O grupo como instrumento da intervenção profissional esteve e está presente no cotidiano do trabalho do/a assistente social. Contudo, ele sofreu mudanças juntamente com as transformações ocorridas na profissão, as quais seguiram o movimento da realidade.

Considerando a trajetória histórica da profissão, o grupo formou em conjunto com caso e comunidade a tríade metodológica que orientou o Serviço Social a partir da influência norte-americana na formação e no exercício profissional. Emergiu como método de intervenção no final dos anos de 1940, quando as Escolas de Serviço Social passaram a inserir o *Serviço Social de Grupo* em seus currículos (Andrade, 2008). Neste período, a intervenção assumiu um direcionamento teórico-metodológico conservador e o tra-

balho de assistentes sociais com grupos não poderia ser diferente. Devido à influência positivista, os grupos eram entendidos como “organismos vivos, nos quais os membros que os compõem desempenham determinadas funções em relação aos demais” (Moreira, 2019, p. 71). Assim, se constituíam como instâncias que relacionam o indivíduo ao coletivo. Segundo Andrade (2008, p. 282), “o *Serviço Social de Grupo* era utilizado em uma perspectiva educacional, na medida em que procurava fortalecer a personalidade individual, através da ênfase dada à capacidade de liderança, à tomada de decisão e ao aspecto psicossocial”.

A intervenção do/a assistente social com grupos apresentava as seguintes características: foco no indivíduo, perspectiva de ajuda, ações persuasivas e coercitivas com a finalidade de ensinar e educar os indivíduos que compunham estes espaços a viverem em sociedade, visando corrigir comportamentos inadequados e o ajustamento aos valores e normas vigentes (Andrade, 2008; Moreira, 2019). Nesta perspectiva, a função pedagógica da ação profissional voltava-se para o estabelecimento do consenso, nos termos gramsciano (Gramsci, 1968), para manter o bom funcionamento da sociedade burguesa. Ademais, o perfil disciplinador, educativo e com ênfase na integração social demonstra que, na visão profissional, o “problema” era assimilado como individual e não como fruto das desigualdades produzidas e reproduzidas pelo modo de produção capitalista.

Moreira (2019), com base na literatura, aponta que o trabalho com grupos no Serviço Social assumiu três fases ao longo do tempo. A primeira (1955/62) marcada pela perspectiva da “ajuda psicossocial individualizada”, em que a intervenção profissional se dava de forma individualizada no interior dos grupos. A segunda (1963/67) marcada pelo aumento da influência funcionalista no trabalho profissional e com a intervenção focada em ações lúdicas, com a intenção de promover maior interação entre os participantes dos grupos. E a terceira fase (1968), denominada de “transformações recentes”, marcada pela incorporação da “pedagogia da participação”<sup>1</sup>, que se consolidou no Serviço Social brasileiro por meio das propostas do Desenvolvimento de Comunidade.

Vale ressaltar que foi somente com o Movimento de Reconceituação do Serviço Social que o trabalho com grupos sofreu a resignificação. Segundo Paulo Netto (2015), este Movimento está vinculado, mais precisamente, às transformações sociais e políticas ocorridas na América Latina na década de 1960. Batistoni (2017) lembra que estas transformações foram impulsionadas pelas lutas sociais das classes subalternas no continente, bem como pela ampliação e financiamento do imperialismo na região contra o avanço dessas lutas no cenário geopolítico da Guerra Fria. Este processo impactou dire-

tamente os Estados, a Igreja Católica, as Ciências Sociais, a ação dos movimentos sociais, a política e a cultura, influenciando também o Serviço Social latino-americano.

Foi no âmbito da Reconceitualização que o Serviço Social iniciou o processo de questionamento acerca do papel profissional em relação ao enfrentamento da “questão social”; sobre sua legitimidade e representatividade junto aos novos atores ligados às classes subalternas; sobre os fundamentos da profissão; e sobre sua funcionalidade na sociedade de classes, iniciando o processo de rompimento com o tradicionalismo. Paulo Netto (2015) enfatiza que este movimento apresentou dois marcos importantes: i) no campo teórico-metodológico houve a aproximação com a tradição marxista. Em que pese as críticas destacadas pelo autor neste âmbito, tais como a qualidade dos materiais e os equívocos analíticos, esta aproximação inicial criou as bases para a interlocução do Serviço Social com a teoria social crítica marxista. E ii) na relação entre os profissionais do continente.

Os avanços produzidos pelo Movimento de Reconceitualização no Brasil sofrem impactos deletérios com a implantação da ditadura empresarial-militar e permitiu o desdobramento da renovação do Serviço Social brasileiro, no âmbito da “intenção de ruptura”, somente com o movimento pela democratização do país e o exaurimento da autocracia burguesa. Foi nesta conjuntura que o Serviço Social conseguiu realizar a crítica radical ao tradicionalismo e recusar o conservadorismo, embora não de forma homogênea na categoria (Paulo Netto, 2015).

Neste contexto, o Serviço Social buscou questionar também o fazer profissional e as formas de intervenção, incluindo o trabalho com grupos, que assumiu um novo direcionamento. Com isto, segundo Moreira (2019), a categoria profissional passou a negar o *Serviço Social de Grupo*, característico da perspectiva positivista, voltado para a ajuda individual, o funcionamento social e o enfrentamento de problemas individuais, coletivos e comunitários (Konopka, 1977, p. 183). Neste processo de ruptura, a teoria crítica marxista e a educação popular de Paulo Freire se tornaram a base do trabalho pedagógico com grupos em uma perspectiva emancipatória (Moreira, 2019).

Foi também no bojo dessas transformações que a ação pedagógica do Serviço Social passou por resignificação e assumiu a centralidade da emancipação da classe trabalhadora. Segundo Abreu,

Ancorados, predominantemente, no viés marxista da Teologia da Libertação e da articulação desta com as formulações pedagógicas de Paulo Freire – aporte identificado por vários estudos no conjunto da América Latina -, setores da categoria dos assistentes sociais conseguem fazer avançar os esforços profes-

sionais de vinculação ao movimento de construção de uma pedagogia emancipatória pelas classes subalternas (Abreu, 2011, p. 131).

Isso se deu com o objetivo de construir momentos de conscientização e mobilização com ênfase na defesa dos direitos e a formação de uma nova consciência política (Abreu, 2011). De acordo com Abreu e Cardoso,

[...] a função pedagógica desempenhada pelos assistentes sociais encontra-se na premissa gramsciana de que “toda relação de hegemonia é eminentemente pedagógica” (Gramsci, 1978), mediante a qual fica afirmada a vinculação das práticas educativas à luta pela hegemonia na sociedade, como elemento estratégico na base dos processos formadores da cultura. (Abreu; Cardoso, 2009, p. 596).

Cabe salientar que este viés da ação pedagógica profissional coaduna com o projeto ético-político hegemônico no Serviço Social. Projeto este alinhado aos valores e princípios que implicam o trabalho profissional no sentido emancipatório e democrático, que reconheça a necessidade da defesa intransigente dos direitos humanos e a recusa do arbítrio e do autoritarismo.

No entanto, os valores e princípios do projeto profissional sofrem vários embates em tempos de hegemonia neoliberal e avanço do conservadorismo na sociedade e na própria profissão. Isso quer dizer que a categoria convive com diferentes projetos profissionais. Sabe-se que o corpo profissional é heterogêneo e ainda se depara com uma intervenção profissional baseada em perspectivas teórico-metodológicas conservadoras, que buscam a manutenção da ordem social vigente e compreendem a “questão social” como um problema individual e moral. Nesse sentido, Paulo Netto afirma que,

[...] a ruptura com o quase monopólio do conservadorismo no Serviço Social não suprimiu tendências conservadoras ou neoconservadoras [...] a heterogeneidade própria dos corpos profissionais propicia, em condições de democracia política, a existência e a concorrência entre projetos diferentes (Paulo Netto, 2018, p. 17).

Com base nos achados de Ortiz (2022) sobre o projeto ético-político profissional, compete destacar pelo menos outros dois aspectos para complementar a análise em tela. A autora explica que a diversidade de projetos profissionais no Serviço Social está associada à singularidade dos sujeitos no interior das categorias profissionais e aos diferentes processos de tomada de consciência destes sujeitos. Em suas palavras:

[...] as categorias profissionais são constituídas por sujeitos profissionais singulares, que são diferentes tanto do ponto de vista de sua origem de classe

quanto no nível de suas condições intelectuais, interesses políticos, econômicos e preferências ideológicas – daí a existência de posições diferentes que devem ser disputadas no interior das categorias.

Além dessa heterogeneidade, observa-se também que os processos de tomada de consciência (até entre aqueles que a princípio estão no mesmo campo ideológico) são muito distintos e percorrem caminhos muito particulares, fazendo com que esse processo não se dê a todos do mesmo jeito e nem no mesmo momento (Ortiz, 2022, p. 185).

Este cenário é agravado pela conjuntura atual do capitalismo que exige do/a assistente social o trabalho profissional adequado às transformações neoliberais, as quais resultam efeitos negativos no âmbito do Estado, das políticas sociais, do trabalho, dos direitos e garantias, bem como nas condições de vida da classe trabalhadora (Paulo Netto, Braz, 2012).

Muito em função disso que a decisão por uma ação pedagógica que rompa com intervenções conservadoras está pautada em “decisões políticas” dos próprios profissionais, assim como argumenta Moreira (2019). Portanto, para que o trabalho com grupos adquira a perspectiva crítica, voltada para atender aos interesses da classe trabalhadora, “[...] é necessário um alto grau de coerência entre a direção teórico-metodológica e ético-política e a definição dos objetivos e dos procedimentos operativos” (Mioto, 2009, p. 508) por parte de assistentes sociais.

Por outro lado, os achados de Lima e Mioto (2011, p. 225) revelam que a ação educativa mesmo expressando a intenção política da/o assistente social, “[...] por si só não garante que os resultados sejam correspondentes a sua intencionalidade. Isso porque a finalidade de construir novos pactos sociais em prol da transformação não está restrita a apenas uma categoria profissional.”

Em que pese os desafios e limites do trabalho de assistentes sociais no cotidiano profissional, “[...] o campo das possibilidades concretas de redimensionamento da função pedagógica emancipatória do assistente social está posto e precisa ser explorado” (Moreira, 2019, p. 98). Logo, foi observado a necessidade do compromisso profissional com a teoria social crítica e com o projeto ético-político da categoria para o desenvolvimento do trabalho com grupos e da ação pedagógica voltada para a socialização do conhecimento, com vistas a promover a reflexão crítica e o questionamento da realidade social por parte dos usuários e das usuárias dos serviços, realidade esta que se coloca de forma aparente, fragmentada e naturalizada.

Esta perspectiva coaduna com os argumentos de Mioto (2009, p. 502-503), quando a autora enfatiza que as ações educativas se estruturam em dois pilares: i) *socialização*

das informações como um direito de cidadania e um mecanismo fundamental para o acesso dos usuários e usuárias aos direitos; e ii) *processo reflexivo* que ocorre por meio do diálogo e problematização. Ele se objetiva na relação estabelecida entre assistente social e usuários e usuárias, visando a busca de respostas para as demandas apresentadas, sendo elas imediatas ou não. Demandas estas que se conformam a partir das desigualdades sociais e opressões produzidas pela sociedade capitalista. É partir destes dois pilares que assistentes sociais podem contribuir para que usuários e usuárias dos serviços elaborem de forma crítica e consciente suas visões de mundo e se tornem sujeitos de suas próprias histórias.

Mioto também destaca que as ações educativas devem estar articuladas aos processos de trabalho de assistentes sociais. Isto quer dizer que devem ser “ações planejadas, equacionadas aos objetivos do Serviço Social e conectadas ao conjunto de outras ações desenvolvidas no âmbito dos processos socioassistenciais, dos processos de planejamento e gestão e dos processos políticos-organizacionais” (Mioto, 2009, p. 505). Ademais, para o seu desenvolvimento, faz-se necessário o conhecimento das particularidades dos espaços sócio-ocupacionais, das políticas sociais, das demandas dos usuários e usuárias em sua singularidade e do território onde estão inseridos/as.

Tendo em vista tais apontamentos e o projeto ético-político da profissão como direção e norte, o cinema pode se constituir como uma ferramenta pedagógica para o/a assistente social no trabalho com grupos. Sendo assim, compreender os meandros desta arte é importante, já que o cinema é a arte mais recente e foi estabelecida como a sétima arte, assim como destaca Ricciotto Canudo em seu livro “O Manifesto das Setes Artes” (Canudo, 1995). Ele tem sua origem em um determinado período histórico: a sociedade capitalista; e se caracteriza por ser uma arte que captura os movimentos a partir de uma máquina e com as técnicas artísticas busca reproduzir a realidade (Bernardet, 1996).

Com isto, percebe-se que a sétima arte está inclusa na sociedade como a “arte burguesa” que representa a visão de mundo da classe hegemônica. Contudo, na sociedade capitalista, a burguesia convive com sua classe antagônica: a classe trabalhadora, como ensinou Marx e Engels (2005). Para os autores, “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes” (Marx; Engels, 2005, p. 40), por isso, as sociedades até o momento têm como sua força motriz o antagonismo de classes. Sendo assim, colocar o cinema como a “arte burguesa” é restringir esta arte a apenas uma classe, ignorando a luta de classes e as contradições existentes nas relações sociais capitalistas.

Nesse sentido, considera-se que o cinema é permeado pela perspectiva de classe, pois, as obras cinematográficas transmitem a visão de mundo, a ideologia nos termos gramsciano, daqueles que a produzem. O autor italiano ensina que a ideologia é definida como “uma concepção do mundo que se manifesta na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva.” (Gramsci *apud* Portelli, 1977, p. 23). Ela é disseminada na sociedade para manter a hegemonia. De acordo com Gramsci (2024, p. 32), a hegemonia refere-se à dominação de “um grupo social fundamental sobre uma série de grupos subordinados” por meio do consenso nos campos econômico, político, intelectual e moral. Nesta direção, entende-se que a hegemonia é conquistada quando a visão de mundo de uma classe ou fração de classe é disseminada na sociedade, alcançando o consenso da maioria da população (Coutinho, 2007).

Atualmente, o maior propagador da arte cinematográfica comercial é a indústria estadunidense, centrada em Hollywood. Lopes argumenta que o “cinema hollywoodiano se esmera em maquilar a realidade, construindo um universo de sonho” (Lopes, 2005, p. 203) e dificilmente critica esta realidade marcada pelas contradições e dominação de classe, contribuindo, portanto, para a manutenção do *status quo*. Ademais, as produções hollywoodianas expressam valores que coadunam com os valores dos Estados Unidos da América como símbolo do capitalismo, utilizando o cinema para promover a ideologia burguesa e sustentar o imperialismo. Nesse sentido, Harvey ressalta que:

O imperialismo cultural tornou-se importante arma na luta para afirmar a hegemonia geral. Hollywood, a música popular, formas culturais e até movimentos políticos inteiros, como os dos direitos civis, foram mobilizados para promover o desejo de emular o modo americano de ser. Os Estados Unidos foram concebidos como um farol da liberdade dotado do poder exclusivo de engajar o resto do mundo numa civilização caracterizada pela paz e prosperidade (Harvey, 2005, p. 53).

O exposto revela que a luta de classes também está presente no âmbito cultural. Assim, a classe dominante lança mão do que Gramsci chamou de “aparelhos privados de hegemonia” para manter o consenso na sociedade e se manter como classe dirigente, garantindo o seu domínio (Simionatto, 2011). Todavia, a direção dos “aparelhos privados de hegemonia” não está garantida e encontra-se em disputa pela classe trabalhadora, que busca disputar tais aparelhos para disseminar seu pensamento político, revelando a “batalha cultural” para a construção de uma nova ordem social (Coutinho, 2007).

Com isto, mesmo que o cinema transmita a visão de mundo da classe dominante, existem obras que divergem e disseminam temas relevantes para a classe trabalhadora, uma vez que a indústria cinematográfica também está em disputa e o pensamento polí-

tico contra hegemônico permeia igualmente este campo, buscando tornar-se evidente. A título de exemplo, pode ser citado o filme “Parasita”, de roteiro e direção sul-coreana, vencedor do Oscar (prêmio cinematográfico estadunidense), que traz em sua narrativa a discrepância econômica e social existentes entre as classes sociais, expondo a realidade desigual de duas famílias sul-coreanas.

O exemplo supracitado demonstra que, embora se observe um grande peso de Hollywood no cinema, outros países também o fazem e criam obras que apresentam críticas à realidade social e à sociabilidade capitalista. Nessa direção, um caso emblemático é o filme brasileiro “Ainda estou aqui”, do diretor Walter Salles, vencedor do Oscar de melhor filme internacional em 2025, que revela o terror da ditadura militar no País: tortura, desaparecimento e morte, bem como a luta de sua família pela verdade.

Dito isto, foi considerado que as obras cinematográficas, como estratégia educativa, podem ser utilizadas para abordar temas que fazem parte do cotidiano dos usuários e das usuárias a partir da visão crítica, participativa e democrática. Isso porque o papel educativo de assistentes sociais deve ser pautado pela socialização do conhecimento para que usuários e usuárias consigam refletir, compreender e questionar determinadas questões presentes na realidade, que impactam em suas vidas e que são naturalizadas.

Nesse sentido, Lopes afirma que:

Partimos do princípio de que é através do conhecimento das contradições e das diversidades socioculturais presentes nos modos de vida dos indivíduos, assim como das análises e compreensões destas, com o olhar dirigido aos interesses emancipatórios, que podemos nos educar para entender o mundo de forma mais sensível, justa e livre, para com isto, desenvolvermos melhor nossa capacidade de educar para o mundo mais humano (Lopes, 2017, p. 68).

Importa sinalizar que a ação educativa de assistentes sociais deve alinhar a arte, mais precisamente o cinema, com o conhecimento teórico-metodológico baseado na teoria social crítica, porque é ela que subsidia a compreensão da sociedade capitalista e suas contradições de forma crítica e permite a/o profissional traçar uma ação pedagógica conjunta com os/as usuários/as no sentido de desvendar os fatores alienadores que existem no cotidiano das relações sociais. De acordo com Lopes,

[...] a educação para um sentido mais emancipado da lógica de reificação das relações sociais, ou seja, a educação para a autoidentificação dos indivíduos enquanto intelectuais, sujeitos de suas próprias histórias, necessita da contribuição da teoria, que pode ser acessada através da arte. Este teorizar com tal propósito precisa desenvolver-se tendo por base os cotidianos dos elementos e suas histórias (Lopes, 2017, p. 71).

Nestes termos, o uso do cinema nos trabalhos com grupos pode auxiliar na compreensão e rompimento com a visão de mundo capitalista, principalmente com a consciência imediatista. Este tipo de consciência se limita à aparência dos fenômenos sociais, pois “[...] interpreta a superficialidade da realidade mais próxima como a realidade em si, indiferenciando aparência e essência e transformando aquilo que é singular em universal” (Moreira, 2019, p. 207). Assim, a ação educativa de assistentes sociais no trabalho com grupos deve estar pautada pela seguinte direção: identificação da visão imediatista, problematização das relações causais e compreensão das relações que se apresentam de forma fragmentada (Moreira, 2019).

De tal modo, na intervenção educativa assistentes sociais, o uso de diversas obras cinematográficas assume grande valor para problematizar e desvendar a essência da realidade posta no cotidiano dos usuários e das usuárias das instituições, contribuindo também para a compreensão de forma mais evidente e objetiva das questões e respostas colocadas no cotidiano do trabalho profissional.

Portanto, o cinema como ferramenta pedagógica para o trabalho com grupos, ou seja, como forma de mediação para a ação educativa pode ir além da socialização de informações e do debate de temas presentes no cotidiano dos/as usuários/as, buscando promover a reflexão crítica sobre a sociedade de classes, bem como a conscientização e a mobilização por um outro modelo societário. Segundo Santos e Mancini,

O/a profissional, ao trabalhar com as classes sociais, pode atuar como potencializador/a das transformações sociais. A dimensão de sua prática é o coletivo, a classe social, especialmente as classes populares, com as quais deve construir alianças expressivas. Nessa direção, são necessárias ações que venham fortalecer a luta e a resistência da classe trabalhadora; sob essa perspectiva, as atividades socioeducativas devem levar as camadas populares a desenvolverem coletivamente suas próprias formas de posicionamento diante das relações sociais vigentes e de analisá-las e explicá-las. Isso demanda um processo – longo e permanente – de conscientização (Santos; Mancini, 2021, p. 130).

Vale considerar que a utilização das obras cinematográficas não necessita se restringir àquelas que criticam a contradição fundamental do capitalismo. Elas também podem ser apropriadas pelos profissionais para explorar de forma crítica temas que abordem as diferentes expressões da questão social, como o racismo, a LGBTQIA+fobia, o machismo, a questão ambiental, a xenofobia, a violação dos direitos humanos etc. Assim, o cinema assume grande valor para o trabalho educativo com grupos, em diferentes espaços sócio-ocupacionais, a partir de um direcionamento teórico, ético e político voltado para desvendar a essência da realidade, socializar conhecimento e construir sujeitos coletivos

capazes de analisar a realidade de forma crítica e de participar da construção de uma nova ordem societária.

## Conclusão

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre o cinema como ferramenta para o trabalho de assistentes sociais com grupos. Nesse sentido, também trouxe para o debate a particularidade da dimensão técnico-operativa e sua intrínseca articulação com as outras dimensões constitutivas do Serviço Social: teórico-metodológica e ético-política.

Ao abordar o trabalho com grupos, a ação pedagógica do/a assistente social e sua conexão com o cinema, buscou-se evidenciar a importância do projeto ético-político do Serviço Social e da teoria social crítica como fundamentos da ação profissional na defesa da classe trabalhadora, contribuindo para a construção de uma nova cultura política, ou seja, de uma nova visão de mundo em direção à emancipação humana. Sendo assim, o trabalho socioeducativo com grupo se volta para a construção de uma nova perspectiva de sociedade, que tenha a classe trabalhadora como sujeito da história, buscando romper com as formas capitalistas de organização, opressão e subordinação (Marx; Engels, 2005; CRESS, 2013).

Ademais, acredita-se que a ação pedagógica com a utilização das obras cinematográficas pode contribuir para assistentes sociais trabalharem temas complexos a partir da perspectiva lúdica e que desperte a atenção e o interesse dos/as usuários/as dos serviços. Acredita-se ainda que, além da aproximação com a visão crítica da realidade, o uso do cinema pode contribuir para que os/as usuários/as tenham acesso à arte e ao cinema como direito ao lazer.

## Referências

ABREU, Marina Maciel. *Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional*, 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ABREU, Marina Maciel; CARDOSO, Franci Gomes. Mobilização Social e práticas educativas. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. *Serviço Social: direitos Sociais e Competências Profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

ANDRADE, Maria \_Ângela Rodrigues Alves. O Metodologismo e o Desenvolvimentismo no Serviço Social Brasileiro – 1947 a 1961. *Serviço Social & Realidade*, v. 17, n. 1, 2008.

BATISTONI, Maria Rosangela. O Movimento de Reconceituação no Brasil: o Projeto Profissional da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais (1964-1980). *Em Pauta*, n. 40, v. 15, 2017.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema?* São Paulo: Brasiliense, 1996.

CANUDO, Ricciotto. *Manifeste des sept arts*. Marselha, 1995. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/664935133/Manifesto-das-sete-artes-Canudo>. Acesso em: 10 nov. 2023.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CRESS. *Projeto ético político e exercício profissional em Serviço Social: os princípios do código de ética articulados à atuação crítica de assistentes sociais / Conselho Regional de Serviço Social (Org.)*. – Rio de Janeiro: CRESS, 2013.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere* [livro eletrônico]: caderno 13: 1932-1934: notas sobre a política de Maquiavel. Tradução: Anita Schlesener, Maria Socorro Militão. Rio de Janeiro: IGS – Brasil, 2024.

GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: SANTOS, Cláudia Mônica et al. (org.) *A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2017.

GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: HORST, C. H. M.; ANACLETO, T. F. M. (org.). *Dimensão técnica-operativa no trabalho de assistentes sociais*. Belo Horizonte: CRESS-MG, 2023.

GUERRA, Yolanda. As dimensões da prática profissional e a possibilidade de reconstrução crítica das demandas contemporâneas. *Libertas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2002.

HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Villela. As Dimensões Ético-Políticas e Teórico-Methodológicas no Serviço Social Contemporâneo. In: MOTA, Ana Elizabete et al. (org.) *Serviço Social e Saúde ç Formação e Trabalho Profissional*. São Paulo: Cortez, 2009.

IAMAMOTO, Marilda Villela. *Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos*. São Paulo: Cortez, 2007.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil – Esboço de uma Introdução histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez, 1986.

- KONOPKA, Gisela. *Serviço Social de Grupos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- LIMA, Telma Cristina Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Ações socioeducativas e Serviço Social: características e tendências na produção bibliográfica. *Temporalis*, ano 11, n. 21, 2011.
- LOPES, Isabel Cristina Chaves. A mediação da arte no trabalho educativo do Serviço Social para a emancipação humana. *Temporalis*, ano 17, n. 33, jan./jun. 2017.
- LOPES, José de Souza Miguel. Educação e cinema: contestando a hegemonia Hollywoodiana. *Educação em Revista*, v.41, 2005.
- MARCONI, Marina de Abreu; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MIOTO, Regina Célia Tamasso. Orientação e acompanhamento social a indivíduos, grupo e famílias. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: CFESS, 2009, p. 497-509.
- MOREIRA, Carlos Felipe Nunes. *O Trabalho com Grupos em Serviço Social: A Dinâmica de Grupo como Estratégia para Reflexão Crítica*. São Paulo: Cortez, 2019.
- ORTIZ, Fátima Greve. Projeto profissional, formação e estágio supervisionado em Serviço Social. In: FORTI, Valéria; GUERRA, Yolanda (org.). *Projeto Político do Serviço Social: contribuições à sua crítica*. Campinas: Papel Social, 2022.
- PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. A dimensão técnico-operativa no trabalho de assistentes sociais. In: HORST, Cláudio; ANACLETO, Talita Freire; CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DE MINAS GERAIS (org.). *A Dimensão técnico-operativa no trabalho de assistentes sociais*. Belo Horizonte: CRESS, 2023.
- PAULO NETTO, José. A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social. In: MOTA, Ana Elizabete et al. (org.) *Serviço Social e saúde: formação e trabalho profissional*. Cortez: São Paulo, 2009.
- PAULO NETTO, José. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2011.
- PAULO NETTO, José. *Ditadura e Serviço Social – Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. Cortez: São Paulo, 2015.
- PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 2012.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SANTOS, Cláudia Mônica *et al.* A dimensão técnico-operativa do Serviço Social: questões para reflexão. In: SANTOS, Cláudia Mônica *et al.* (org.) *A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2017.

SANTOS, Cláudia Mônica. Os Instrumentos e Técnicas: Mitos e Dilemas na Formação Profissional do Assistente Social no Brasil. Tese de Doutorado em Serviço Social – Escola da Serviço Social – UFRJ, 2006.

SANTOS, Cláudia Mônica; NORONHA, Karine. O Estado da Arte sobre os Instrumentos e Técnicas de Intervenção Profissional do Assistente Social – Uma perspectiva crítica. In: FORTI, Valéria; GUERRA, Yolanda (org.) *Serviço Social: temas, textos e contextos*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

SANTOS, Greice dos Reis; MANCINI, Maria V. D. Vicente. Os intelectuais em Gramsci: uma análise sobre o papel dos/as assistentes sociais. *Libertas*, v. 21, 2021.

SARMENTO, Hélder Boska de Moraes. Instrumental técnico e Serviço Social. In: SANTOS, Cláudia Mônica *et al.* (org.) *A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2017.

SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2011.

## Nota

1 Sobre o conceito, ver Abreu (2011).

Recebido em: 27 de março de 2025

Aprovado em: 30 de janeiro de 2026